



Uma ponte fragil

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

N.º 236 Lisboa, 29 de Agosto de 1910
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:
Anno, 48800 réis — Semestre, 25400 réis
Trimestre, 12200 réis

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produçao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispozo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçoes especificas de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Exercicio telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Acções	300.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria da Gama e do Casal de S. Pedro. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçoes especificas de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

Grande revolução!



Completa novidade em bicyclettes com rolamentos esphericos sem cones nem caixas, nunca desajustam. Esta grande novidade só se encontra na **Casa Simplex** de bicyclettes, discos e machinas fallantes de J. Castello Branco, rua de Santo Anião, 32-34 e rua do Soccorro, 22-B. Endereço telegraphico: «Simplex». Telephone 2975.

Revemente novo catalogo.

Stilli-Flore

Perfume d'uma concentraçao até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressao na extremidade do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

PRINCIA VIOLET
29, B^e des Italiens, PARIS

Coke inglez PARA COZINHA O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 125, 2.^o
TELEPHONE 1738

PARA ENCADEARNAR A Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semes re d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do SEculo LISBOA

AGENCIA DE VIAGENS 8, RUA BELLA DA RAINHA, 8—LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc.
Viagens ao Egypto e no Ni-

lo. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte.
Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hoteis.
Viagens baratissimas á Terra Santa.

As Hecatombes da Tuberculose

Debruçados sobre o microscópio, tendo em foco um pouco de expectoração de um tísico, podemos socegaadamente contemplar o maior inimigo da humanidade.

Vêm, n'essa gotta de escarro, umas pequenas hastes estendidas, na aguada azul da preparação, com o sinistro remanso de crocodilos boiando n'uma lagôa?

São os agentes da tuberculose. Estes microorganismos, cujo comprimento não excede cinco millesimos de millimetro, entregam-se a um terrível sport: a caça ao homem!

Em Portugal morrem, por anno, 100:000 pessoas, das quaes cêrca de 7:000 são victimadas pela tuberculose.

Suppondo que a proporção era a mesma por toda a parte, morreriam annualmente em todo o mundo mais de 2 milhões de tuberculosos; e se admittissemos, como alguns auctores, que a mortalidade pela tuberculose é, em diferentes paizes, de um quinto em relação á mortalidade geral, o numero dos mortos por tuberculose, em toda a terra, elevar-se-hia a 6 milhões. E' o homicidio nas suas maximas proporções!

Se adoptassemos agora o que Landouzy estabelece para a França—que, por cada obito por tuberculose, ha oito doentes d'esta infecção—teriamos, n'este momento, espalhados pelo mundo, 48 milhões de tuberculosos.

A tuberculose é o maior flagello da humanidade; só por si, mata mais gente do que todas as outras doenças epidemicas e contagiosas, reunidas.



1—Debruçado sobre o microscópio.—(Cliché e Benóliel)
2—Candidatos... 3—Os bacillos da tuberculose vistos ao microscópio

No entretanto, é uma doença evitavel, curavel e, segundo Naegeli, a mais curavel de todas as doenças.

O homem são, sem taras hereditarias, bem alimentado, bem alojado, levando uma vida hygienica, deve escapar á tuberculose. Com effeito, elle está bem armado para uma defe-



A tuberculose az annualmente 7.000 mortes em Portugal, ou seja por cada 12 mezas a eliminação de um popular concelho como o de Vila Viçosa; ou ainda o extermínio annual do nosso exercito em tempo de paz.

za perfeita. Além das propriedades bactericidas dos tecidos ou dos humores da profundidade, encontram-se, ao nível das portas de entrada dos virus, obras de protecção, que se oppõem, a maior parte das vezes com exito, à penetração dos parasitas. Mesmo que estes consigam forçar a entrada, são muitas vezes englobados por cellulas migradoras—os phagocytes—que os destroem.

Graças a Comandon, pela sua feliz applicação do cinematographo ao ultramicroscopio, podemos

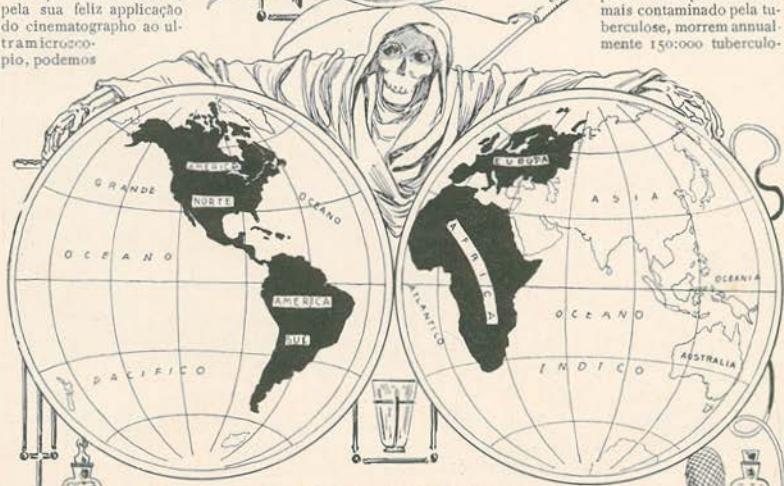


hoje seguir, n'um *cran* as varias phasas do combate de bacterias e de phagocytes.

Na gravura vemos um aspecto de batalha. Esta figura é um pequeno Horace Vernet. Um grupo de bacillos, dentro de uma cellula gigante, formados em quadrado como na velha tactica militar, supporta o embate de uma legião de nucleos. Quem sabe se ali não se teria prodigalisado tanto heroismo como nos ultimos quadrados da velha guarda em Waterloo, ao cahir da noite, e se, ao fixar a preparação, o analysta não abafou n'um bacillo uma exclamação heroica, como a que Hugo immortalizou nos *Miserables*.
Quem sabe!

N'os ultimos vinte annos, a mortalidade pela tuberculose tem diminuido notavelmente em quasi todos os paizes civilisados, a não ser na França, onde tem augmentado.

Em França, que é o paiz da Europa occidental mais contaminado pela tuberculose, morrem annualmente 150.000 tuberculo-



3—A injeção de galacel—(Cliché de Benoit)
4 e 5—Seis milhões de mortos pela tuberculose annualmente: 600 milhões n'um seculo ou seja approximadamente metade da população total da terra



tivemos em França guerras formidáveis e fomos visitados pelo cholera. Ao todo, n'um seculo, cerca de 2.500.000 mortos nos campos de batalha ou pelo cholera. Durante este tempo, a tuberculose causava 10 a 15 milhões de obitos.

Apezar da população da França ser dois terços da população da Allemanha, morrem muito menos tuberculosos na Allemanha do que na França.

E' que a Allemanha está formidavelmente apetrechada contra a tuberculose, e, da mobilisação de todos os seus poderosos meios de lucta contra essa doenca, tem obti-



1 e 2—A auscultação
(Chichés de Besoliet)

3—Uma galeria de cura no Sanatorio da Guarda. A tuberculose, segundo Naegeli, é a mais curavel de todas as doencas

tos e ha, cada anno, segundo o professor Courmont, *um milhão* de francezes nos quaes a tuberculose existe em evolução.

Pareceria paradoxal a afirmação de que a tuberculose é mais mortifera que a guerra e mais assustadora que o cholera. Comtudo, é verdade.

Diz Courmont: «Durante o seculo XIX



4—O sr. dr. Al redo Luiz Lopes, director do Instituto Rainha D. Amelia, em Lisboa, na consulta

do um resultado interessantissimo. A taxa obituaría por tuberculose era, na Prussia, até 1866, de 31 a 35 por 10.000 habitantes; em 1890, descia a 28; em 1904, a 10, e em 1907, a 17. Quer dizer, em quarenta annos a mortalidade pela tuberculose reduziu-se a metade.

Isto anima os allemães a contar com que,



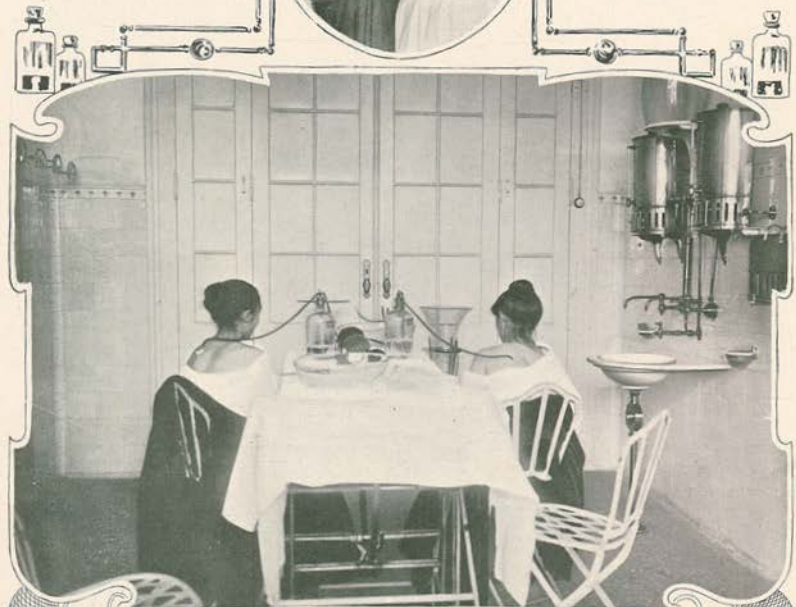
d'aqui a cincoenta annos, a mortalidade por tuberculose seja extremamente rara no seu paiz.

O numero de tuberculosos existentes em Portugal não está ainda fixado.

O professor Ricardo Jorge, Inspector dos serviços sanitarios que procedeu ao censo

calculam um numero muito mais elevado.

Assim, Sousa Martins calculava em 20:000 o numero de pessoas que morrem annualmente em Portugal, victimadas pela tuberculose, numero evidentemente exagerado porque, admitindo a proporção estabelecida para a França por Landouzy, existiriam então entre nós, não



1—A enfermeira

dos tuberculosos do reino, calcula o seu numero em cerca de dez mil, enquanto outros auc'ores

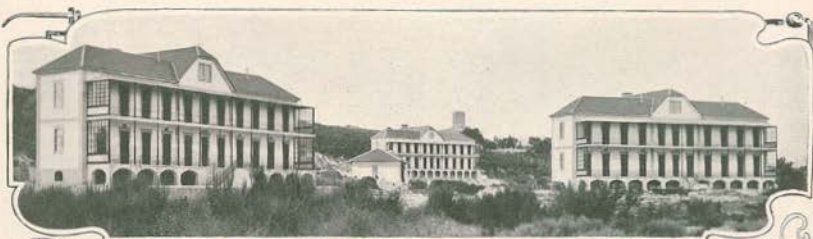


3—O Sanatorio maritimo de Carcavelos

2—A infecção do soro maritimo isotónico no Dispensario de Lisboa

10:000 tuberculosos como imagina Ricardo Jorge, mas 160:000!

Diz o pro-



1—Sanatorio Souza Martins, na Guarda
2—O Sanatorio de Portalegre
3—O Instituto Central da Assistencia Nacional aos Tuberculosos



4—O Sanatorio de Outillo
5—O dispensario do Porto
6—O dispensario de Viana do Castello

fessor D. Antonio de Lencastre que o numero de 20:000 indicado por Souza Martins tem sido effectivamente considerado exaggerado, mas como a mort'idade pela tuberculose é, em diferentes paizes, de um quinto em relação á geral; e na Suecia, paiz tão favorecido, sobretudo em questões de salubridade, representa um sexto d'essa mortalidade; e como, em Portugal, a mortali-

numeros deve estar a verdade.

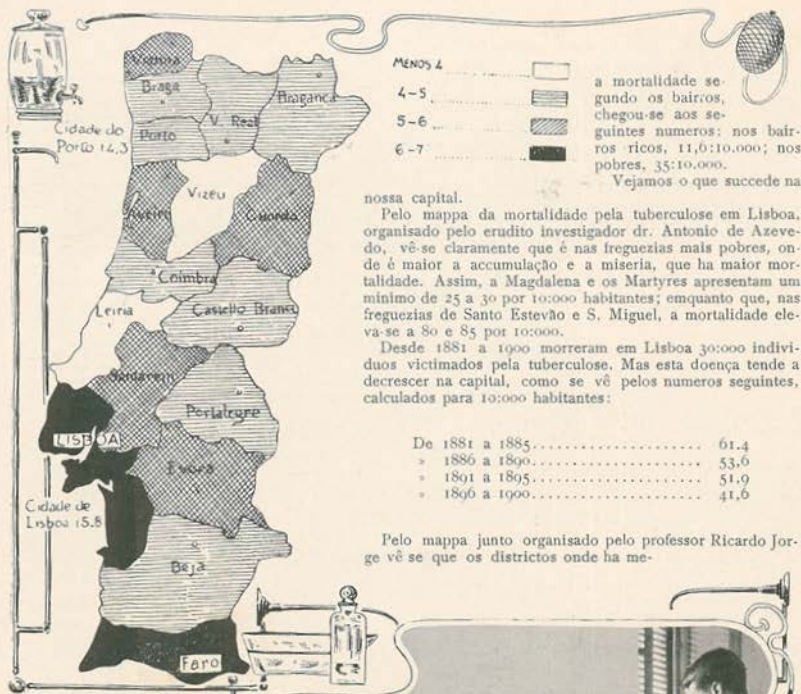
Como a tuberculose ataca especialmente as classes pobres, tem sido considera'la por muitos como uma doença de miseria. Comtudo, ella não poupa as classes sociaes mais abastadas. O que está estabelecido é que, na classe pobre se morre muito mais por tuberculose do que na classe rica.

Estudando a tuberculo-



dade de 1900 foi de 101:037, teremos de attribuir o numero de 20:000 á tuberculose, se admitirmos a proporção de $\frac{1}{5}$, e de 16:800 se collocarmos, no que respeita á tuberculose, Portugal a par da Suecia. Conclue o professor Lencastre que entre estes dois





MENOS 4

4-5

5-6

6-7

a mortalidade segundo os bairros, chegou-se aos seguintes numeros: nos bairros ricos, 11,0:10.000; nos pobres, 35:10.000.

Vejamos o que succede na

nossa capital.

Pelo mappa da mortalidade pela tuberculose em Lisboa, organizado pelo erudito investigador dr. Antonio de Azevedo, vê-se claramente que é nas freguezias mais pobres, onde é maior a accumulacão e a miseria, que ha maior mortalidade. Assim, a Magdalena e os Martyres apresentam um mínimo de 25 a 30 por 10:000 habitantes; enquanto que, nas freguezias de Santo Estevão e S. Miguel, a mortalidade eleva-se a 80 e 85 por 10:000.

Desde 1881 a 1900 morreram em Lisboa 30:000 individuos victimados pela tuberculose. Mas esta doença tende a decrescer na capital, como se vê pelos numeros seguintes, calculados para 10:000 habitantes:

De 1881 a 1885.....	61,4
» 1886 a 1890.....	53,6
» 1891 a 1895.....	51,9
» 1896 a 1900.....	41,6

Pelo mappa junto organizado pelo professor Ricardo Jorge vê-se que os districtos onde ha me-

Mapa da Tuberculidade dos diversos districtos de Portugal calculado para 10000 habitantes

se nas classes ricas, afirma D. Antonio de Lencastre que Portugal deve contar, em cada anno, uma média de 30:000 tuberculosos ricos, dos quaes morrem annualmente 5 a 6:000.

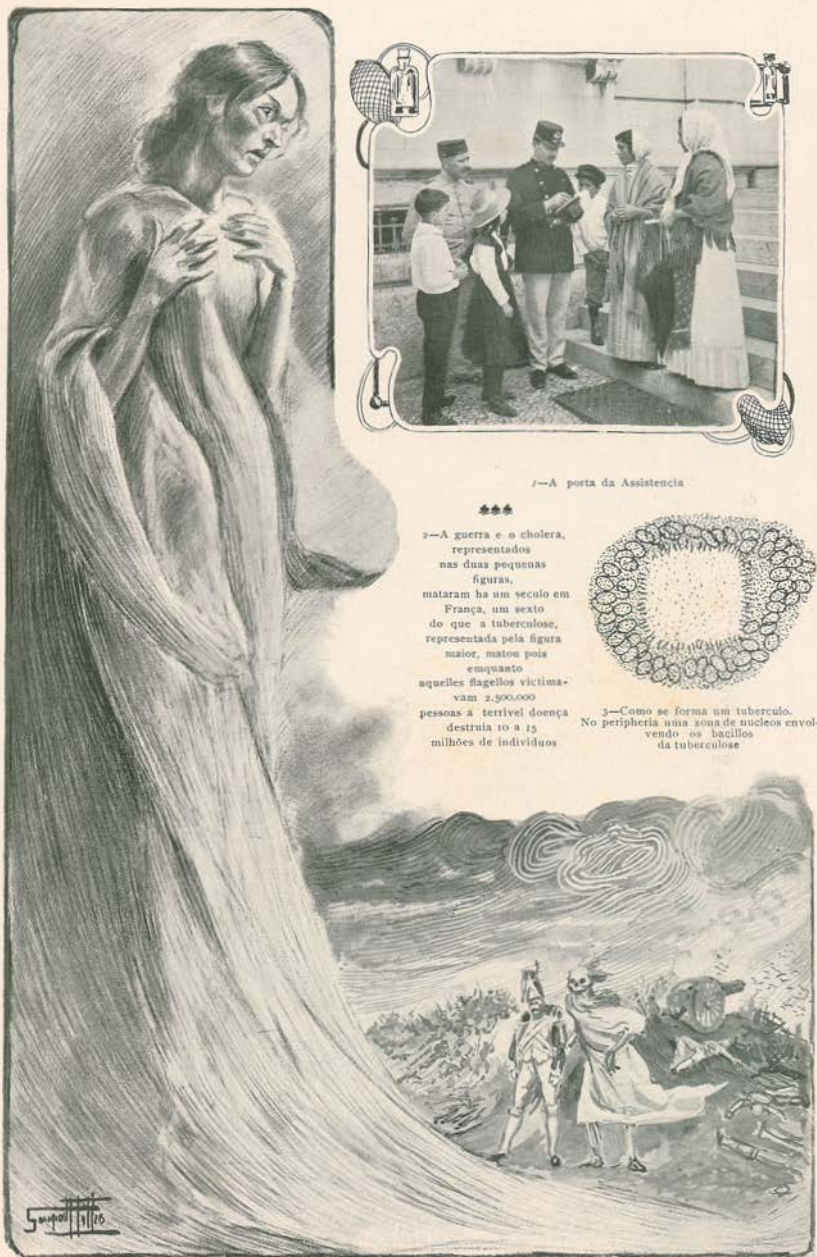
Ha cincoenta annos, Bertillon achava que, na cidade de Paris, em 100 mortos havia 13 tuberculosos nas classes ricas e 33 nas pobres.

Em Copenhague, morrem annualmente de tuberculose, por 10:000 habitantes, 20 nas classes media e rica, 57,8 na pobre.

Em Vienna, estudada

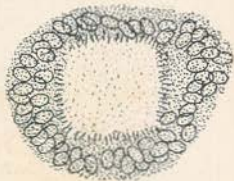


Tratando um candidato á tuberculose



1—A porta da Assistencia

2—A guerra e a cholera, representados nas duas pequenas figuras, mataram ha um seculo em França, um sexto do que a tuberculose, representada pela figura maior, matou pois enquanto aquelles flagellos victimavam 2.500.000 pessoas a terrivel doenca destruiu 10 a 15 milhoes de individuos



3—Como se forma um tuberculo. No periphèria uma zona de nucleos envolvendo os bacillos da tuberculose

O CONCURSO DE BELLESA DE FOLKESTONE

No concurso de belleza de Folkestone appareceram ao lado das gentis francezas e das inglezas cuja formosura é toda de suavidade, as allemãs encantadoras, e mesmo uma alsaciana deliciosa que obteve o terceiro premio.

Foi uma ingleza, miss Kitty Darling, a classificada em primeiro logar. E' com effeito uma linda rapariga de sorriso adoravel, alta, bem feita, um d'esses rostos que é agradável fixar, mas d'uma belleza calma como a de miss Wittakar, a segunda classificada, em cuja fronte puzeram um diademã, envolvendo-lhe o esbelto corpo n'um arminhado manto como a prophetisarem-lhe um titulo regio.

A quarta concorrente classificada foi a condessa Rachele d'Oderot, uma franceza, alta, elegante, os olhos vivos e um rosto insinuante; todas as outras eram bellas, de diferentes generos de belleza, morenas ou brancas, loiras ou de lindas cabel.



1. Miss Kitty Darling, primeiro premio de belleza do coacurso de Folkestone
2. O sorriso de Miss Kitty



As premiadas: I. Miss Kitty Darling, inglesa, 1.º premio—II. Miss Wittakar, inglesa, 2.º premio—III. Mademoiselle Daxel, alsaciana, 3.º premio—IV. Condessa Rachele d'Oderot, franceza, 4.º premio

leiras negras, graves ou de sorrisos estonteantes como uma formosa mulher que ficou no grupo tirado após a classificação sentada aos pés de miss Wittakar e com um ramo de flôres no collo.

Alguns artistas assistiram a esse concurso de belleza attractivos por todas aquellas formosuras, procurando modelos para os seus quadros e estatuas, o mais singular dos quaes parece ser essa mademoiselle Daxel, a alsaciana escultural, em cujos olhos e em cuja attitude ha como que a orgulhosa certeza de ser bella, que as inglezas amenisam, simplificam na forma ingenua dos seus sorrisos. N'algumas das concorrentes nota-se uma expressão melancolica diante da objectiva, a marca da sua tristeza ante a superioridade das outras n'um ponto em que nenhuma mulher a perdôa: o da graça; o da belleza.

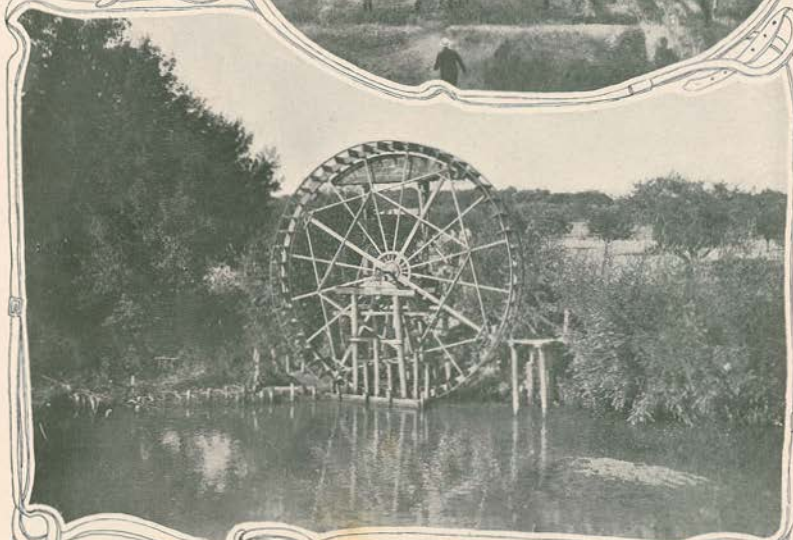


Tipos da belleza franceza, inglesa e lotena: 1. Mademoiselle Daxel—2. Miss Bousche—3. Condessa d'Oderot
(Clichés da World's Graphic Press)



Os exercicios na Escola de Cavallaria

Pertencer aos regimentos de cavallaria em Portugal, é a ambição, o grande sonho da maioria dos rapazes que entram na Escola do Exercito, mas cada vez se torna mais difficil realizar esse sonho, porque de dia para dia maior s são os aper-



1. Os cavalleiros que tomaram parte nos exercicios
2. O rio onde se fez a nova prova
3. A descida de rampa

feicoamentos introduzidos n'aquella arma, sob o ponto de vista da equitação.

Desde o picadeiro da Escola, que se vae fazendo a selecção com um cuidado meticoloso, de forma que, só os mais classificados chegam á Escola Pratica de Torres Novas, onde se fizeram agora os exercicios finaes com uma par-





te verdadeiramente sensacional.

Tratava-se da passagem a cavallo por dentro d'agua e um numero de pu lico acorreu ao campo para assistir a essa prova. Senhoras em frescos trajos de verão enchem de alegria a beira do rio d'onde os cavallos, habil-



1. O exercicio dentro d'agua—2. A assistencia—3. Outro aspecto do exercicio na agua

bem toda a sua dextreza n'aquelle ultimo exame, ao fim do qual os espera a collocação nos corpos de cavallaria, onde continuarão a cultivar o hippismo, que hoje já tem no nosso paiz verdadeiros mestres.

O ultimo concurso de Palhavã e os campeonatos internacionaes, onde elles teem concorrido e recebido, por vezes, as maiores classificações, assim o demonstraram, confirmando-se agora com as provas da Escola Pratica, o grande desenvolvimento da cavallari portugueza.

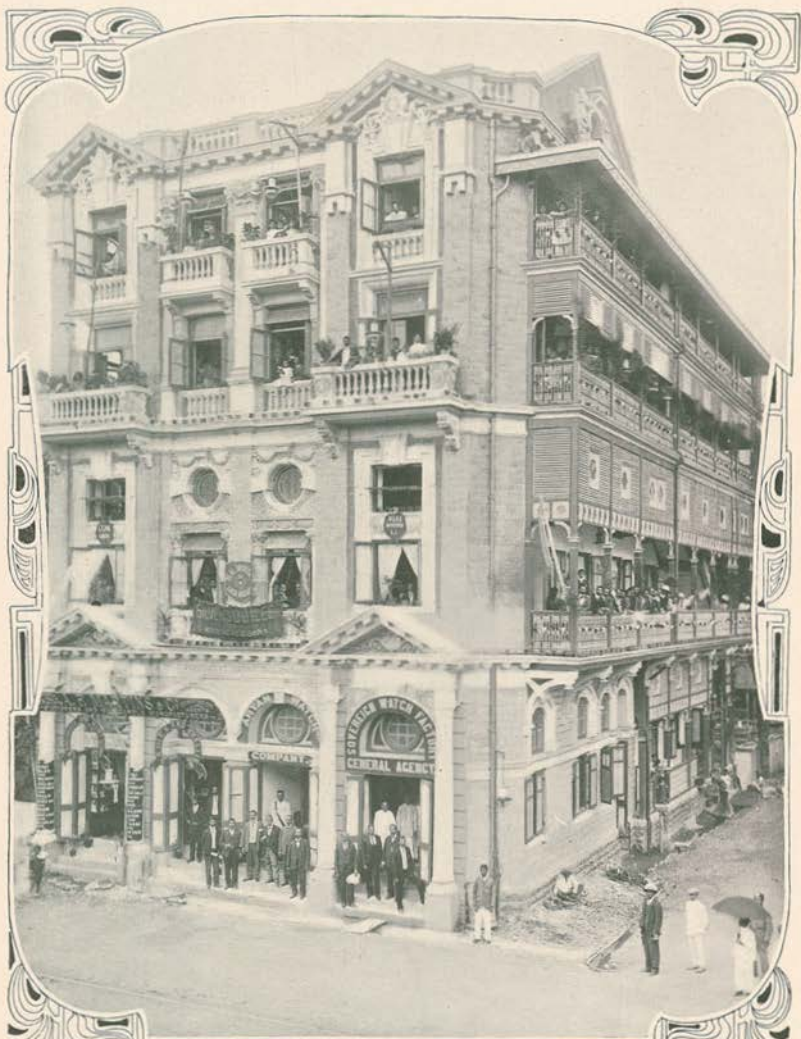


1- Assistindo
aos exercicios
2- A passagem do rio
3- Outra parte
da assistencia
(Clicks de Benollet)

mente dirigidos, davam os saltos d'um lin-tissimo effeito, conduzindo os cavalleiros por aquella extensão de agua, no meio do enthusiasmo dos assistentes encantados com o bello espectáculo. Os aspirantes mostraram



FIGURAS E FACTOS



A nova sêde da Associação Goana em Bombaim, vendo-se à porta do edificio os vogaes da direcção

Inaugurou-se em Bombaim a nova sêde da Associação Goana de Mutuo Auxilio, que ficou installada n'um magnifico edificio da grande cidade ingleza. Assis-

tiram á cerimonia o consul de Portugal, grande numero de socios, que vieram até de Sgatpuri e Poona, realisando-se uma festa brilhantissima.

PRIGOS E EIRAS

Todo o progresso na Terra se faz pelo soffrimento e pela morte. A lenda incarna, sempre, n'uma victima, cada avatar da especie. Toda a conquista humana é uma tragedia.

A descida á Terra do fogo do Céu, a grilhão Prometheu, no Caucaso, — hostia do templo do Univerzo, como lhe chama



Eschylo. O arado vence o cajado do pastôr e Abel morre ás mãos de Caím.

—Caím? que fizeste de teu irmão? diz a lenda judaica.

O estado agricola arrancou o homem á vida nomada e elevou-o até ás grandes civilizações do Egypto á Grecia.

O trigo



parece ter sido o maiz fiel amigo da humanidade e o mais velho. Tres mil annos, encerradas n'um tumulo pharaônico, as suas sementes, lançadas á terra,—caso admiravel—germinaram.

Na nossa peninsula, a sua cultura segue-se dos Celtas aos Arabes. Estes a faziam, so-



1—Gradando a terra 2—Na quinta Grande de Coruche: O rasgar das leivas 3—Abre-se a crosta da terra

bretudo no
valle do Tejo,
campos de
Vallada, que
Eldrezi repu-
tava as mais
feras terras de
Hespanha.

Ainda hoje
são, bem
que a sua
produ-
ção tenha descido da que tinham.



de media.

Ahi por Ja-
neiro quem
atravessar os
campos margi-
naes, lezirias,
mouchões, do
grande rio, ha
de vêr um gru-
po, tanta
vez cele-
brado pelos poetas, explorado

brado pelos poetas, explorado



ahi pelos tempos de Filippe III, em
que orçava por vinte sementes,

pelos pint'res, de homens guian-
do duas ou mais juntas de bois



1—Continua-se o trabalho de gradar
2—O trigo d'um mez é como um rel'vedo
3—Na ceifa

atrelados a uma charrua, rasgando a terra, enrugando-a, a produzilhe, na pelle, um como dartos colossal. Ao lado de um primeiro rego aberto a toda a extensão do hastim, os bois arrancam, mais ou menos inclinados á terra, conforme a rijeza da crosta a romper e desviando-se, para um e outro lado, segundo a tracção da sóga, a conseguir o paralelismo do novo rego, cuja profundidade o homem da raça, cuidadoso, regula.

Da pá da charrua, a aiveca, a leiva, ergue-se, torce-se, verga-se, e, erguendo para o ar a parte luzidia pelo atricto do ferro, que a se, immovel, insensivel aos sal-

um amplo tapete, fórta as chás uma felpa de velludo verde que o sol ao nascer enche de diamantes lucificando as gottas finas de orvalho. Affagam-n'a os primeiros calóres do Abril, que acordam as rozas; tonificam-n'a as bategas de Maio, que despertam as lontes em cores de trovoadas. Cresce. Em seu seio, em camaradagem nociva, erguem-se, as aveias, os balanços, a ervilhaca, o joio e outros parasitas de que ranchos de raparigas a libertarão, na monda. á sachola—á unha, as



tos das arveolas, que a debicam, chalreando e caçando.

E' o alqueive, a primeira lavouira. A segunda faz-se por Março e a ultima no momento de semear, leve, superficial.

Então atraz da charrua, um homem lança, com um gesto largo, a semente nos sulcos e covas que os dentes ferreos da grade nivelam rudemente e a planície, granulosa e só, espera pacientemente, a fecundação humida das nuvens.

☼
Cahiram as primeiras aguas. A vida entrou pelos póros sequiosos da terra, humedecendo o grão, a despertar-lhe as intimas forças germinativas.

Dias depois, como



Os segadores

saías ligadas entre as pernas, a altura dos joelhos, em balão, a dar-lhes um ar vagamente marcial de zuavos imberbes.

Quando a pequena espiga, tenra, empenachada de finos dardos,—a pragana—começa a despontar no topo do caule, o vento que passa apenas, imprime á ceara inteira um leve movimento oscilatorio: mas quando, em pleno vigor a toda a altura das hastes, ella escondou as valias que a rasgam, as guardas das pontes, os valados, os marcos divisorios, então, açoitada pelo Norte, oudeia, correm-n'a longas vagas, de tons setinios, ciclantes como azas de insectos e o seu on-



dular lembra um pequeno mar interior, esverdeado pelas algas, doirado pelo sol.

Sêcco o chão, quente o ar, morno o vento, Junho traz a velhice. Descoloram-se as hastes e palidas as espigas vergam-se para o chão esperando o golpe da foice.

A ceifa do trigo não tem a alegria ruidosa da colheita da uva, nem a melancólica tristeza da apanha da azeitona. Os ranchos de homens, curvados, armados de foices, cortando mancheias de trigo, sob um sol abrazadôr, são remissos nas fallas, parcos nas conversas, que mais lhes seccariam bôccas e guellas, ressequidas pelo ar quente e pelo pó fino que o movimento levanta debaixo das solas grossas dos sapatos



ferrados. A mulher não entra n'esta faina rude, não ha cantos, e assim o trabalho faz-se n'um silencio continuo, que deixa ouvir o roer dos dentes da foice nos molhos vergados dos caules.

Como um monstro de cem braços o rancho avança, deixando atraz de si, deitadas pelo chão as grossas paveias, que atadas em feixe, de espigas ao alto, encostadas umas ás outras,—os rolheiros—, ficam, á torrcira do sol, esperando a viagem para a eira.

Chegam os carros e começa o *salmejar*. No grande circulo, raspado, humedecido com agua, endurecido pelas patas das cabras ou das ovelhas, empedernido pelo sol, deitam-se os molhos, espigas para o centro, uns ao lado dos outros, em camadas circulares, concentricas.

Então, a meio da eira, guia na esquerda e vara na direita, o maioral das eguas espera a ordem para gritar ás dez ou doze parellhas atreladas, a voz de march r.

A' ordem do abegão, n'um trote largo, os cavallos começam volteando, mergulhando as patas rijas por entre o fôfo doirado das pargas, garbosamente, excitados uns pelos outros, olhos vivos, crinas ao vento.

Uma vez, duas vezes, dez vezes, e, por entre os estalidos sêccos dos caules que se partem, um largo sulco se denuncia e cava na circumferencia da sua passagem rapida.



1—O trigal maduro—(Phot. da Casa Herold & C.)
2—A ceifa na quinta da Ribeira do sr. José Relvas



Com os forcados tridentes os serventes reenchem o vão, enquanto o homem da guia, mudando de sitio, desloca o passar dos cavallos para uma circumferencia differente.

E' meio dia.

O sol dardeja a pino. Um suor copioso corre, em bagas, pelas testas dos homens, pelas faces, a encharcar os lençoes que, atados em roda do pescoço, impedem que os palhiços levantados pelo vento se lhes mettam entre a pelle e a camiza, despertando erupções vivas com pruridos intoleraveis.

Reverberados pela palha espelhenta os raios do sol queimam a pelle da cara e das mãos, aquecem o ar cheio de detricos organicos, de pó, a tornal-o, irrespiravel, asfixiante.

Pela barriga, pelas pernas dos cavallos, o

suor vê-se correr manchado com flocos de espuma.

Descansa-se uns minutos. Limpam-se as testas ás mangas das camizas: circula o quartão da agua a desentupir as guellas, a tonificar os corpos enfraquecidos pela falta de liquidos.

Não se falla. Pelo ar quente e baço, passam sibilos de moscardos procurando as bestas. A' sombra das medas do pão, deitados, de bôccas abertas e flancos a bater, os loiros bois alemtejanos ruminam, sacudindo as orelhas ás ferroadas das moscas, fazendo tilintar as campainhas com uma plangencia de prece.

Não bole uma folha. Na sua elegancia de magros os choupos que ladeiam as vallas, quedam-se, firmes, até aos



1—A debulha a pé de cavallo 2—A debulha a unha de boi
Photographias da Casa Herold & C.ª)



ultimos galhos como se fossem de bronze.
 Uma nevoa fina, cheia de tremuras luminosas, embaça os contornos; ao alto, no ar nevoento uma cegonha desliza, branca, silenciosamente, azas abertas, immoveis, como se voasse com o pensamento, inclinada ao rio.

«A vêr» grita o abegão e o trabalho recomeça.

No prepassar de innumeradas vezes as patas dos cavallos abateram as paveias, partiram os caules, rebentaram os cazu-los rijos das espigas e sobre o chão da eira o grão começa a apparecer acamado e tenro.

Desatrela-se o gado. Os homens jantam e conversam: sobre o rendimento provavel do calcadoiro, da qualidade do trigo, do que vae pelas eiras dos vizinhos, dos casos e coisas que tem acontecido ás ceareas, fogos, cheias, desastres.

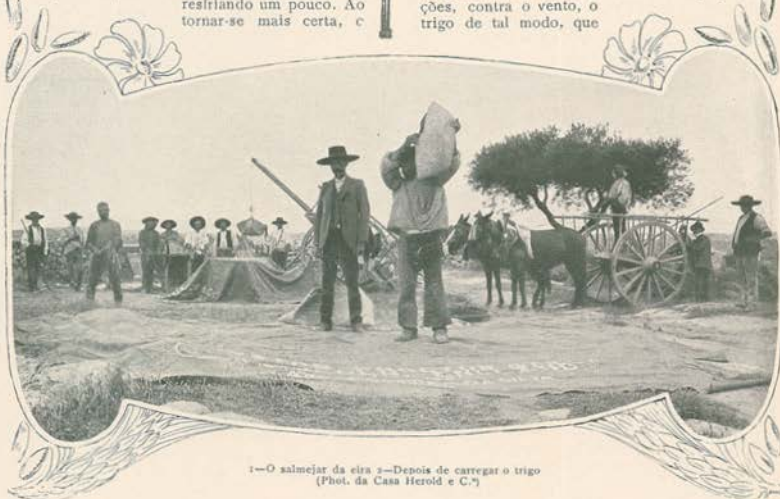
De vez em quando uma pequena lufada de ar quente sopra do nordeste. Amiuda-se mais, resfriando um pouco. Ao tornar-se mais certa, e



abegão mette a ponta do cigarro, apagada entre o pollegar e o index, atraz da orelha e diz para a malta, que escabaceia somnolenta: —leva arriba, são horas.

Então, em semi-circulo, os homens pegam dos forcados, e, costas ao vento começam a atirar para o ar pequenas paveias, n'um movimento certo, com um esforço calculado. O vento desfal-as, arrastando a palha, que a uns vinte metros de distancia, se acumula em parga, enquanto o trigo, mais pesado, cae perpendi ular, de envolta com sementes estranhas que escaparam á monda e grumulos de terra que as vassouras levantam do chão.

No seguir do longo manejo, levada a palha pelo vento, apenas inquinam o trigo, a terra solta, as espigas mais rijas, palhiços. N'um padejar habil, elegante, o mais dextro, em regra o abegão, consegue extramar, em sabias projecções, contra o vento, o trigo de tal modo, que



1—O salmejar da eira 2—Depois de carregat o trigo (Phot. da Casa Herold e C.)

visto, superficialmente, no monte conico em que se ergue, parece limpo de todas as impurezas. E' o mais que se pôde conseguir na eira. A limpeza perfeita só se completa pelo trabalho das mulheres, nos celeiros, n'aquella serie de gestos, ora energeticos, ora suaves, reveladores da graça da cabeça, da esculptura dos seios, do vigor dos quadris, energeticos e graciosos, como uma lucta, como uma dança: — o joear. E' a hora em que o patrão, jantado, de cigarro grosso ao canto da

As criadas estendem as toalhas e as meninas começam a tirar dos cestos, companheiros de viagem, vitualhas de um banquete, monstro: — a adiafa. Em tachos, apparece o classico carneiro guizado, o lombo de porco, o peixe assado, o arrôz tostado no forno. Um panellão enorme, traz o caldo. De um sacco pintoalado saem os pães alvos; de um outro uma pilha de queijos, d'aquelle uma abada de peras. N'uma çaçarola de cobre, luzida, lou-



bôcca, se apeia na eira. O abegão leva-o ao monte do pão onde mette a mão em concha, enche-a e erguendo-a, inclinada, a fazer cair os bagos, pergunta: — está bem? O patrão, olha, repete o gesto e certificando-se confirma: — está bem. Então, uns lançam a palha em bojudas rôdes de esparto, suspensas sobre os carros por enormes fueiros, outros acamam-na em grosseiras pirâmides quadrangulares, os curiosos palheiros que lembram choças selvagens, outros medem o trigo. Medem-n'ô e ensacca-n'ô e empilha-se nos carros, que partem pelos caminhos das côrtes, direitos á aldeia, catando na meia luz do crepusculo entre as vozes rudes dos boieiros e o côro terno das campainhas.

Ora, no ultimo dia da eira, ha uma azafama maior de trabalho, mais pressa de acabar e acabar bem.

Nota-se uma alegria em todos os rostos, uma boa vontade no serviço, um contentamento que, ás vezes se revela em cantos. E' que não tardará que pelo caminho arecido da aldeia, não appareça um carro engalanado, os fueiros envoltos em hera, as cangas enfeitadas com flôres. Os bois são a mais linda junta da casa e veem de colleiras e sogas brancas e campainhas areadas. Dentro do carro, sobre enxeigões, senta-se a *senhora*, a mulher do patrão, as meninas, a tia, — ha sempre uma tia, — e, na trazeira, pernas caídas, bamboelantes, bôccas abertas a falarem e a rirem, as criadas a metterem-se com todos que estão ou passam, n'uma enfiada de ditos, de commentarios alegres.

Atraz, o patrão e o *morgado*, de doze annos, de jaqueta, cinta de seda, botas de prateleira e esporas de prata cavalgam com garbo. E' uma alegria a chegada á eira. Cumprimento, festas. Para logo, juntam-se as charruas, os trilhos, as grades, os carros de mão e põem-se-lhes em cima, táboas, taipaes de carros.

reja o arroz dôce. Desterra se a quarta da agua; chegam-se as de vinho. Entre falas, risos, graças, n'um borboletear de corpos frescos, a meza vae-se enchendo de pratos, de copos, de canécas. Em volta dos pratos de resistencia agrupa-se a canalha miuda dos comestiveis ligeiros, os queijos, as fructas, os pallidos melões estripados, as melancias esquartejadas, sanguineas, escorrendo succos, exhalando aromas. Uma alegria, sã, intima, enche todos os corpos, sahe de todas as coisas. Parece uma grande familia, uma só, em dia de festa. Não ha criados, não ha patrões. Todos os deficitos dos servos desappareceram; todas as impertinencias dos amos se esqueceram. Deus é bom que dá o pão ao rico para que o pobre trabalhe.

Cansaços, luctas, horas más,



1—O trigo loiro na mão do prep'etario
2—Carretando os feixes





rudes canceiras, tudo isso esquece n'essa tarde cariciosa, deante da alegria das meninas, da bondade dos patrões, perante aquella meza, fresca, tentadora, onde começam a alinhar-se os pratos da sôpa que veem do brazeiro. São os patrões que servem. A um gesto da *senhora* o abegão tira o barrete e faz signal á malta. Os homens

approximam-se, descarapuçando-se, acanhados, e sentam-se, cada qual como e onde pôde, sobre um cêpo, um carro de mão, um cêsto, um mólho de palha, um rodado. A batalha começa... terrivel! D'ahi a uma hora, os assaltantes só tsem deante d'elles miseraveis reliquias: ossos, espinhas, caroços, cascas. E' então que o velho abegão, como já o fizera o pae e o avô ao pae e ao avô do patrão, faz a sua saúde, correndo, como prologo, o ante-braço pelos beiços:—á saude do senhor, da *senhora* e das meninas. De pé, todos despejam, silenciosos, os copos e as canecas e rodam as linguas a aproveitar a humidade dos beiços. E, enquanto os mais vorazes, mastigam ainda um fructo, uma colherada de arroz doce, e as criadas começam a arrumar os tachos dentro dos cestos, o patrão, sobre um carro, abrindo um saquillo de dinheiro, a folha á vista, faz os pagamentos. E' então que, cariciosamente, faz admoestações aos mais descuidados ou remissos, eleva as comedias ou os jornaes aos mais dedi-

cados, ouve pedidos, reclamações, e resolve pequenos problemas de administração, futuros. Um bocado mais de cavaco, ainda um copo, distribuidos os restos, a adiafa, com o dia, acabam.

Anoitece.

A patrão, as meninas, a tia, as criadas, acocoram-se no carro, entre risadas e os cestos vazios.

O patrão, ao lado do *morgado*, curveteia, dando conselhos, recommendando cuidados, falando aos bois que o maior faz trotar para gozo das meninas. Por detraz do pinhal longinquo, a lua apparece, apopletica: amarelenta-se, avulesce, sobe. As raparigas cantam.

Na eira os homens deitaram-se sobre a palha. Um ar fresco acaricia os corpos. Cantam os ra'os. Um chocalho, um cão ao longe, perturbam por um momento o silencio profundo do ar prateado e limpo.

Recahe o silencio. A Terra inteira parece repousar n'um somno doce. Riem as estrellas e olhando as tres Marias, tremeluzente, chocheio, o Sette-Estrello sóbe, lentamente, no céu.

Ribeira de Pontevel, 8-VIII-1910.

MARCEL-
LINO
MESQUITA.



As medidas na eira do ar Mattos Fernandes, em Evora
(Phot. da Casa Herold & C.)

O QUE RESTA DA EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS

A Europa ficou surprehendida e aterrada com a noticia do incendio da exposiçao de Bruxellas, n'uma noite de festa esplendida, em que se queimava um lindo fogo de artificio, no recinto reservado, e a multidao se divertia na Bruxellas-Kermesse.

Era uma maravilha esse recinto da exposiçao; um canto da velha cidade, perfeitamente reconstituída com as suas taboetas em fórma de bandeirolas, os cataventos altos no topo dos edificios, um aspecto evocador como o do velho Paris, na exposiçao franceza de 1900.

Do lado das secções da Belgica, Inglaterra e França, ergueram-se as chammas, e, dentro em pouco, o publico corria, cheio d'um panico que augmentava ao saltarem-se as feras da *menagerie* Bostock; os bombeiros e soldados buscavam a todo o transe localisar o fogo, o que só pela madrugada se conseguiu, enquanto o telegrapho noticiava o grande desastre. Lamentava-se a per-



O pavilhão da Belgica antes do incendio
(Cliché Delius)

da de tantas magnificencias, mas, sobretudo, a idéa que tinham sido destruidos os preciosos gobelinos da secção da França, os quadros, verdadeiras obras primas, do pavilhão da cidade

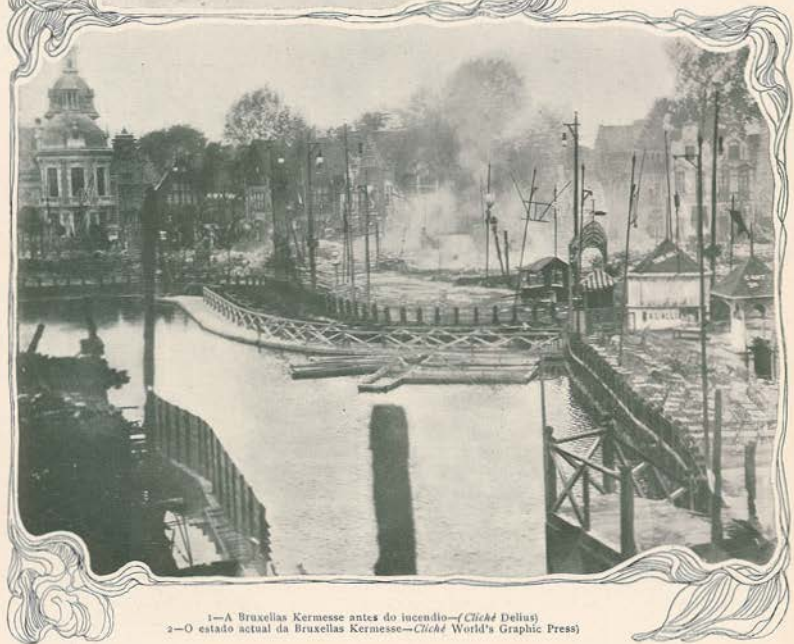


Os escombros do pavilhão da Belgica
(Cliché World's Graphic Press)



de Paris, causava um profundo abalo. Finalmente, soube-se que esses maravilhosos e insubstituíveis trabalhos tinham escapado à devastação do fogo, e que dentro em pouco estarão de novo nos seus lugares, para a admiração do numeroso publico, que visitará, nos meados de setembro, os pavilhões inteiramente reconstruídos com a Bruxellas-Kermesse.

N'esse canto evocador da cidade antiga, com os suas lojas, os seus cafés, os seus trechos cheios de legenda e de pittoresco, não tardarão os visitantes a entrar comparando aquelle bocado da velha terra flamenga com a nova cidade que atravessaram, tão cheia de modernismo, tão agitada pelo trabalho. Um verdadeiro milagre se está realizando e d'ahi a poucos dias a exposição de Bruxellas, terá ressuscitado das suas cinzas.



1—A Bruxellas Kermesse antes do incendio—(Cliché Delius)
2—O estado actual da Bruxellas Kermesse—(Cliché World's Graphic Press)



CALLEJADO

Não são nada as duas leguas
Da Figueira até Buarcos,
Que d'aqui a Portugal.
São mais de trezentos marcos.

Pois até a trezentos marcos
de Portugal, chegou a
toada do fadinho.



MARIALVA
E O PERALTA

E' que o fadista é um dos generos de importação do Technikum de Erlau; não o fadista genuino, porque esse prefere o seu meio, mas o menino do lyceu, que pôz Mazzantini e calça justa, para ir aos touros, e acompanhava o fado á guitarra, na esperança de ir para Coimbra. Afinal veiu dar com os ossos aqui. Com elle chega, tambem importado, o portuguezinho da fina roda, cheirando ainda á Avenida dos domingos e ao Coliseu dos Recreios, onde elle começára a frequentar o meio estrangeiro, nas artistas da companhia. Algumas vezes ainda, vem o *Avis-rara*, pae de tarecos porventura, e que aqui vem estudar, como po-

deria ir ao Spitzberg caçar andorinhas polares ou á Patagonia vêr os patagões.

Chegados aqui, a braços com o escolho da lingua (que não ha diabo que a entenda), reduzem-se todos tres ao mesmo nivel, e todos tres são conformes, em que a alimentação pela cerveja, é o mais amargo dos systemas alimentares. De resto, afinal esta coisa do *estrangeiro*, com poucas excepções e a falta das *touradas*, é a mesma coisa que lá em Portugal.

A' noite, no hotel, o Marialva manda p'ró diabo o criado, que perguntava em allemão, a que horas queria que o acordasse na manhã seguinte; e todos tres se indignam com a falta de cobertores. A macia cobertura de pennas foi um enigma. O Peralta, depois de consideal-a algum tempo, metteu se dentro d'ella como n'um sacco, o *Avis-rara* imagi-

nou um colchão e deitou-se-lhe em cima, e o Marialva arremessou-a para um canto,

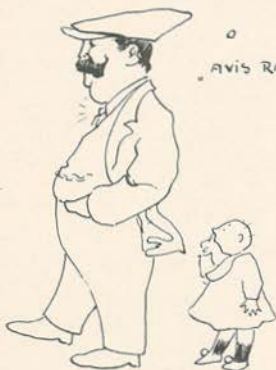




clamando que estava habituado a almofadas pequenas

No dia seguinte, travado o conhecimento com algum compatriota já callejado pelos bancos da escola, resolveu-se a visitar o Technikum.

De caminho, o callejado patricio vae contando, com ar de pra-



AVIS RARA

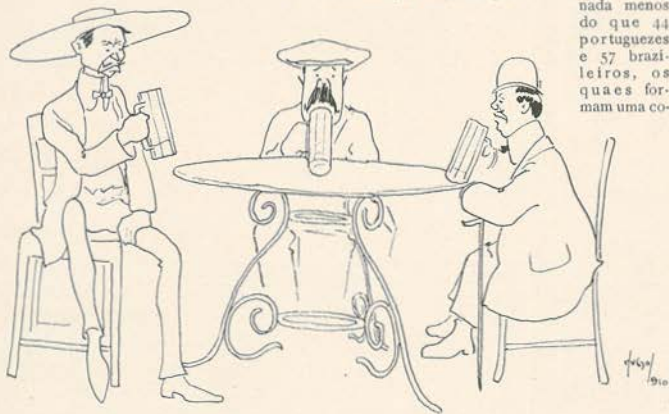
o ALIMENTO A CERVEJA

É UM SYSTEMA BEM AMARGO

pela melhor sociedade de Erlau e Chenmitz.

Mas, sem duvida, a importancia de Erlau provém, sobretudo, do numero colossal de fabricas, que ali existem. D'entre estas, é bem conhecida no mundo industrial a fabrica de machinas chocadeiras, adherente ao Technikum, e onde praticaram alguns estudantes engenheiros portugueses.

Nos diferentes semestres do curso, estudam actualmente nada menos do que 44 portugueses e 57 brasileiros, os quaes formam uma co-



tico, a historia do Technikum de Erlau.

Foi seu fundador o engenheiro Gustav Gosillers, conhecido em Erlau e arredores pelos seus principios essencialmente democraticos, que o levaram a transformar a velha e pedante academia de dança de Erlau, na escola industrial, que é hoje de indiscutivel importancia. Ainda actualmente existe em Erlau uma classe coreographica, regida pelo velho professor Vogelgesang, onde se aprende o passo de Rheinländer e o do Dreher, e que é frequentada

lonia importante e unida, com o seu club bem organizado, e exercicios gymnasticos no Stadtpark.

—Vamos nós an-



GUSTAV
GORILLEN





tes ao Club dosduzentos jornaes?

— Dos duzentos jornaes ?

— Sim senhor, é o nosso club, o Luso-bra-zileiro.

A visita ao Technikum adia-se para um dia futuro, e todos quatro embicam para o café da esquina, guiados pelo *Callejado*.

No caminho, um *polypo* queria impôr um marco de multa ao *Mariatva*, por atirar para a rua o maço vazio dos cigarros. O *Callejado* explica que o *Mariatva* é estrangeiro chegadi-nho de fresco.

A desculpa é accete, mas o aviso fica, de que a rua alemã não é barril do lixo. O *Mariatva*, callado até ahí por não comprehender syllaba, ouvida a traducção, deseja *partir a cara* ao *polypo*. Felizmente apparece n'esse momento outro *callejado*, o Carlos Nasciantos, auctor do *Trequelhimbeque*, e mais conhecido



PROF. VOGELLESBANG

NA AVLA DE DANÇA

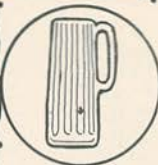


o PECHINHEIRO
DE S. PAULO

pelo *Pechinheiro dos Paulistas*. Começa insinuan-temente a explicar aos novos, como o seu bom sen-*so haerlesesco* (como agora se usa dizer), o levou á invenção do *Trequelhimbeque*, um invento que, francamente, elle mesmo de-clarava, tem pouco valor, mas não vende senão por preço razoavel... para elle.

Um novo encontro inter-rompe a conversa. E' o Jorge Fomes. O Jorge é poeta e vi-nha a cantarolar em contralto:





Eu queria poder roubar,
Os corações ás trican's,
Aos peixes ambas as mãos,
E aos homens as barbatanas.

Feita a apresentação á
poria do café da esquina,
entram finalmente no Club dos duzentos
jornaez. O Fomes convida o *Peralta* a jogar
uma partida de bilhar, mas este desfaz-se em
desculpas, que não sabia pegar n'um taco. O
Mariahva levantava já a luva, quando um novo
bando, n'uma algazarra terrível, apparece á
porta. Um berrava como possesso: «*Sarra!*
estou desesperado!», outro cantava engasgado,
um trecho da *Traviata*, n'um tom de Caruso de
gramophone, e um terceiro declamava batendo
no peito: «Aqui! Aqui! é que está a França!»
Surprehendidos com as novas caras, calla-
ram-se todos. O Nascentos apresentou:

— O amanuense Lino.

— O narigudo
Concha.

— O merceeiro
Gonça.

— O evange-
lista Bissento.

— O plantador
Sento.

— O conselhei-
ro Leme.

E todo o ban-
do turbulento
passou assim aos
olhos cheios de
veneração do
Avis-rara, do
Peralta e do *Ma-
riahva*.

Mostraram-
lhes então as
curiosidades do
club, o album de
postaes, o livro
d'assignaturas e

o retrato do Bernardino de Sousa, com o com-
mentario de que, fôra este aqui o engenheiro
portuguez de mais folego, pois ajudára o dire-
ctor Kirchoff na preparação de
phosphoros sem ponta inflamma-
vel (*Kopflöse Zandhölzer*), e que
agora estudava em Frankenau,
aperfeiçoando-se na recente in-
venção allemã do ferro liquido.

Começou-se então a falar da
vida de Erlau.

O conselheiro Leme explica-
va, sentado ao lado do *Avis-
rara*:

— «Erlau é mais do que uma
Babylonia, é uma arca de Noé,
onde a mais astuta raposa vem
tomar logar ao lado do maior
carnello.—(E a avelmente para

C
POETA FOMES



o *Avisrara*). — O senhor, bem entendi-
do, será a raposa.

Todos riem e elle tambem... por com-
placencia.

O *Mariahva* acclimatára se e desencan-
tada a banza, acompanhava o Fomes
n'um fadinho. Este soluçava terno:

Oh! se o céu fôsse papel,
Que reinação que seria,
Se o Padre Santo com elle,
Montava papelaria.

O
PLANTADOR

Ai, mas se o mar fôsse tinta,
Que espiga, que encravação,
Se o céu se não transformasse,
Em papel... mata borrão.

O
EVANGELISTA





DIRECTOR

KIRCHHOFF

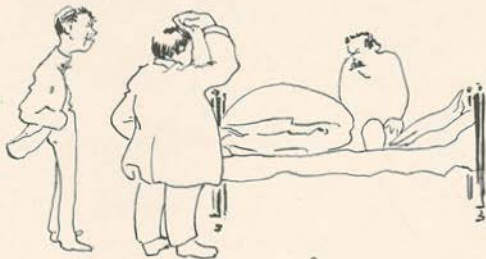
farto de cerveja e da aula de dança, a unica que elle frequentava no T. chnikum de Erlau.

O *Mariakva* debate-se na complicação da vida sem touradas.

Depois d'aquella projectada visita ao Technikum não voltou lá outra vez.

Elle e o *Peralta*, que está qua i engenheiro por obra e graça da E-piritto Santo, dedicaram-se aos exercicios gymnasticos no Stadtpark e no livro do Deve e Haver das suas pingues mesadas.

Do al'emão só aprenderam a contar o dinheiro e lá estão tornados socios do Club dos duzentos, o *Mariakva* por saudades do Gelo, e o *Peralta* com receo de esquecer a lingua patria, cantam á guitarra o fadinho, ultimo echo da vida portugueza:



O embaraço diante dos edredons das camas allendá

GONÇALVES

— Mas onde é que estão os 200 jornaes? pergunta de subito o *Mariakva*, olhando para o unico porta-jornaes existente.

O Nasciantos explica pressuroso:

— Não são duzentos jornaes diferentes, como supõe, mas sim duzentos numeros diferentes do mesmo jornal.

— Mas perdão, emenda o *Peralta*, n'esse caso não é o Club dos duzentos jornaes, mas sim o Club dos duzentos numeros.

Então o conselheiro explica:

— De facto... simples erro typographic!

.....
Dois annos são passados.

Oh! quae mutatis!

O *Avis-rara*... esvoaçou para longes terras, logo ao terceiro mez,



Não são nada as duas leguas, Da Figueira até Buarcos. Que d'aqui a Portugal São mais de trezentos marcos!

N. da R. —

Em Portugal, o ensino technico industrial, tem poucas escolas onde possa ser ministrado, e por isso um





grande numero de estudantes portugueses procura fóra do paiz os centros d'educação especial. Uns vão para as escolas de França, da Suissa,

da Belgica, estudar a engenharia, a fazer os cursos de mestres de fabrica; outros é nas escolas profissionais inglezas que procuram aperfeiçoar-se n'esses estudos. Hoje, porém, ha uma grande corrente para a Allemanha, e o Technikum de Erlau conta muitos estudantes portugueses, que ali se reúnem com uma verdadeira legião de brasileiros.

A vida escolar na Allemanha é bem diferente da que se leva em Portugal, e, por isso, os nossos compatriotas, juntando-se aos brasileiros, crearam uma agremiação, onde folgam, passadas as horas das aulas, o Club de Mitweida, de que a *Illustração Portuguesa* já inseriu aspectos. E' all que esses futuros engenheiros, os technicos, se reúnem; é ali que iniciam os recém-chegados na existencia nova que tem de levar; é ali que se ligam para a vida, guardando das suas reuniões notas encantadoras que jámais esquecem.

E', pois, a narrativa d'essa existencia em Erlau, que um dos estudantes portuguezes fixa n'este artigo de hoje, com uma *revista* propria da mocidade, desenhando typos, recordando aspectos, archivando nas paginas da revista as suas impressões, que mais tarde, a todos



os seus contemporaneos de Erlau, será agradável relembrar.

Um outro estudante, gravou, pela caricatura, alguns dos mais celebres dos seus collegas contribuindo assim para tornar mais alegre a discrição, que no decorrer das suas existencias saudosamente evocarlo. E toda a vida do Technikum d'Erlau se advinha, como em tóco se põem as diversões dos seus alumnos, as alegres horas passadas no Club e na Academia de Dança, onde os futuros engenheiros, os technicos, depois cheios de positivismo, vão dando largas á sua sentimentalidade de portuguezes e de estudantes, nas voltas de uma valsa com as graciosas allemãs.



FIGURAS E FACTOS



Um grupo de medicos do Porto visitou o Sanatorio Sousa Martins, da Guarda, onde galhardamente os recebeu o seu director sr. dr. Lopo de Carvalho.

Depois de uma demorada e cuidada analyse a todos os melhoramentos do sanatorio, realisou-se um banquete em que se trocaram brindes affectuosissimos. Os medicos portuenses voltarão no proximo anno, e em maior numero, n'uma excursão áquelle sanatorio, destinado a tuberculosos.



1. Grupo dos medicos do Porto que visitou o sanatorio da Guarda—2. O sr. dr. Lopo de Carvalho director do sanatorio Sousa Martins da Guarda

3. Um brinde no banquete offercido pelo sr. dr. Lopo de Carvalho aos seus visitantes
(Chêchê de Ayles, Guarda)



A antiga Sociedade Incrível Almadense foi destruída por um incendio, em 17 d'agosto, devendo-se a maior extensão do desastre á falta d'agua que havia na localidade. Apesar dos esforços heroicos dos bombeiros o predio foi consumido pelas chammas, sendo os prejuizos avallados em oito contos e quinhentos mil réis.

Dentro em pouco estará, de novo, reorganizada a philarmonica, uma das mais antigas do paiz, pois foi fundada ha sessenta e dois annos.



1. O incendio na Sociedade Incrível Almadense: O rescaldo
2. Depois do incendio—3. Um aspecto da casa incendiada
4. A missão hespanhola que esteve em Lisboa e que partiu para o Chili a fim de representar a Hespanha nas festas da independencia

Passaram em Lisboa alguns membros da missão que vac ao Chili representar a Hespanha nas festas da independencia d'aquella nação, e de fazem parte os srs. duque de los Arcos, presidente; Thiago Vigo, secretario; D. Julião Garcia de la Vega e Millá, officiaes superiores de marinha, D. Henrique Toral e D. Angelo Morales, officiaes superiores do exercito. A' excepção do duque de los Arcos, todos os membros da missão estiveram em Lisboa.

Uma delicia em tempo de calor



Nota. — Aos syphões com muito uso lembramos a conveniencia da substituição das 3 peças de desgaste, que vendemos ao preço de 200 réis cada caixa de cinco peças.

PHARMACIA BARRAL
126 — RUA AUREA — 128
LISBOA

Em toda a parte, nas casas ricas ou pobres, na cidade e no campo, em terra e no mar, o uso dos

**Syphões
Prana
Sparklets**

se impõe como um ideal de conforto e hygiene.

A venda em toda a parte. Concessionario para Portugal e colonias

Instituto polytechnico

Frankenhansen, am Kyffhäuser (Allemanha. Para engenheiros, mechanicos e electricistas. AERO-TECHNIA.

Grandes laboratorios

PARFUM
POMPEIA



L. T. PIVER
PARIS

**BINOCULOS
ZEISS**



Grande Intensidade luminosa, estabilidade. Resistencia a cada clima para

VIAGEM, DESPORTE, CAÇA, EXERCITO E MARINHA
PEÇA-SE O PROSPECTO «T. 77».

A venda em todos os estabelecimentos de Optica, e por

Carl Zeiss, Jena, ALLEMANHA
Berlim, Francfort s. M. Hamburgo, Londres, S. Petersburgo, Vienna.



Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcédível perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo—o de trichromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.



o passado, presente e futuro revelado pela mais celebre cbitomante e pbysonomista da Europa

MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chronometria, chronologia e phisiotogia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO GARMO, 43, sobre-loja—LISBOA.

Consultas a \$3000 rs., 2500 e 2000 rs.

GRANDE CONCURSO
DE
Aeroplanos

«SUPPLEMENTO DO SEculo»

O *Supplemento do Seculo* abriu um extraordinario concurso de aeroplanos a que pode concorrer toda a gente, habilitando-se a

GEM — premios — GEM
que serão sorteados em outubro proximo.

GEM — machinas photographicas — GEM

As os leccionadores premiados.
Ver o *Supplemento* de quinta-feira proxima e os numeros seguintes.

tecimentos que se lhe seguiram. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO GARMO, 43, sobre-loja—LISBOA.

As corridas de automoveis

são numerosas em 1910, e representam novas proezas e novas victorias. Numerosas marcas de automoveis disputaram o primeiro lugar, com successos diversos; mas um facto ha a notar e é que onde quer que o esforço seja rude achamos em primeiro lugar o **Pneu Michelin**.

Este anno, como desde o debute do automobilismo, Bibendum triumphs em todas as grandes corridas. A sua pagina de ouro comprehende já:

- Na Suecia, a **Coupe d'Hiver**;
- Nos Estados Unidos, as principaes provas dos **Meetings d'Atlanta & Indianapolis**, o **Cobe Trophy**;
- Em Italia, a **Targa Florio** e o **record do Mile à Modène**;
- Em Hespanha, a **Taça de Catalunha**;
- Na Belgica, a **Coupe de Meuse**;
- Na Roumania, o **Grand-Prix** do A. C. Roumain;
- Na Suissa, o **Course Bienne Macolin**.

A persistencia na victoria é a melhor prova da persistencia na superioridade.

Michelin

confirma os seus recentes
sucessos de:

A TARGA FLORIO

16 de maio de 1910

A Taça de Catalunha

20 de maio de 1910

GANHANDO

O Grand Prix DO A. C. Roumain

Vitesse:

- 1.º Vasile Vestemeann em voiture **Gobron 60 HP.**
- 3.º Dr. Constantinesen » » **Mercédès 45 HP.**

Touriste:

- 1.º Denez Szeptler em voiture **Fiat 30 HP.**
- 2.º Gheorge Simion » » **Delage 8 HP.**

Todos com **PNEUS MICHELIN**

DEPOSITARIOS

COIMBRA

EMPRESA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA, Avenida Navarro.
TAVARES DE MELLO, 42, Avenida de Santa Cruz.

LISBOA

A. BLACK & C.º, 30 e 32, rua da Boa Vista.
D. A. DE HEREDIA, 10, Poço do Borratem.
ALBERT NEBELUNG, Garage Peugeot, Campo Grande (rua Occidental).
RICARD O'NEIL Panhard Palace, 87, 3 a 87 N, Avenida da Liberdade.

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS, LTA, rua Alexandre Herculano.
LAURENCEL & OLIVEIRA, 86-A, 86-D, Avenida D. Amelia.

PORTO

JOÃO GARRIDO, rua de Passos Manuel, 16, 18 e 20.
JOSÉ DA SILVA MONTEIRO, 133 e 135, rua das Flores.
TEIXEIRA & IRMÃO, 153, 157, rua de Sá da Bandeira.
ESTAMPARIA DO BOLHÃO, 323, 346, rua de Fernandes Thomaz.